

# O amor nos *Unspoken Sermons* de George MacDonald

ALEXANDRE FREIRE DUARTE

*«For a crowd is not company;  
and faces are but a gallery of pictures;  
and talk but a tinkling cymbal,  
where there is no love»*

FRANCIS BACON – *Essays*

De vez em quando, todos nos cruzamos com livros que nos escolhem para os lermos. Passamos, assim, a conhecer obras que, mesmo que antecipadamente já tivéssemos tido a ocasião de saber que existiam, até a essa ocasião estavam perdidas algures no meio de sombras de referências literárias. Algumas dessas obras passam fugazmente pelos nossos dedos. Outras obras, e ainda que talvez contra a nossa determinação, acabam por ganhar iluminuras graças às inúmeras vezes que acabamos por premer as suas páginas. São precisamente estas últimas, as únicas sobre as quais alguém pode dizer, com justeza, que estima. E tal porque, como bem disse C.S. Lewis, é impossível que seja verdade que se diga gostar de um livro e apenas o ler uma vez<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Cf. C.S. LEWIS – *The Letters of C.S. Lewis to Arthur Greeves*. New York: Collier Books, 1986, 439.

No início do ano de 2011, o nome do escritor escocês George MacDonald<sup>2</sup> (1824-1905) não nos era, de modo algum, desconhecido. Já o tínhamos vislumbrado ser referido, distintas vezes, em textos de J.R.R. Tolkien, Lewis Carroll, G.K. Chesterton, T. S. Eliot e, sobretudo, do já mencionado C.S. Lewis, o qual, reportando-se a MacDonald, chegou a afirmar que «*I have never concealed the fact that I regard him as my master; indeed I fancy that I have never written a book in which I did not quote from him*»<sup>3</sup>. Todavia, em nenhuma ocasião pensámos que, em menos de dois anos e apesar das infindas variedades de formas em que todos nós podemos ser surpreendidos, os seus *Unspoken Sermons*<sup>4</sup> alguma vez viessem a fazer parte da lista de livros dos quais podemos dizer, segundo aquele evocado ditame, que estimamos. Não obstante, não é menos devido a este facto que nos propusemos a escrever estas palavras acerca do tema, poucas vezes abordado de um modo directo inclusive no âmbito da reflexão teológica, do amor tal como este surge naquela genuinamente nobre, iluminante e comovente obra. Dito isto, é inegável que seremos movidos, neste nosso breve ensaio, por um sincero apreço por George MacDonald e este seu texto. Mas este facto, estamos disso persuadidos, não nos impedirá de sermos, igualmente, rigorosos na busca e delineação de uma verdade que raramente é pura e simples. Não cremos, na realidade, que estas preocupações venham a ser maculadas por aquele nosso afecto.

Pois bem, parece relativamente pacífico afirmar que o amor – não menos devido à universalidade das suas dimensões humanas, cósmicas e divinas – é uma das realidades mais complexas que existem. Não pretendendo este ensaio versar senão acerca do amor pensado, e pensado por outrem, e não sobre o amor vivido, tal complexidade, de acordo com a nossa apreciação, ocorre ser um pouco delimitada. Mas não totalmente. De facto, não nos parece possível imaginar que as palavras que, sobre o amor, podemos ler na singular colecção dos *Unspoken Sermons*, sejam simplesmente pensadas. Também o serão, e será mesmo sobre essa vertente que – mesmo sabendo que dissertar sobre o amor é usualmente uma empreitada perigosa – iremos escrever, mas sê-lo-ão apenas depois de terem sido vividas, pelo seu Autor, no seu estudo da Bíblia, na sua oração e na sua vida quotidiana. Tenhamos isto em mente.

---

<sup>2</sup> Para o perfil biográfico de George MacDonald, pode-se ler com proveito três obras: Joseph JOHNSON – *George MacDonald: a Biographical and Critical Appreciation*. London: Isaac Pitman & Sons, 1906; Greville MACDONALD – *George MacDonald and His Wife*. London: G. Allen & Unwin, 1924; David S. ROBB – *George MacDonald*. Edinburgh: Scottish Academic Press, 1987.

<sup>3</sup> C.S. LEWIS – *George MacDonald: an Anthology*. New York: Macmillan, 1978, xxxii.

<sup>4</sup> A localização das citações e alusões que faremos aos *Unspoken Sermons*, será realizada mediante a indicação sucessiva da «*série*», «*sermão*» e «*parágrafo*» em que aquelas poderão ser encontradas.

É evidente, ainda, que poder-se-ia realizar o nosso mencionado propósito, que no início foi mais sonhado do que pensado, de distintas formas. Talvez a que acabaremos por seguir não seja a mais feliz. É provável que assim seja. Contudo, e devido à nossa convicção da mais do que provável inexistência de familiaridade entre os nossos futuríveis leitores e o objecto deste estudo, pareceu-nos melhor seguir um esquema ao qual podemos apelidar de «clássico». Em concreto: nos dois primeiros momentos, agrupados na primeira parte deste trabalho, elencaremos, de modo sucessivo mas não totalmente heterogéneos entre si, o que MacDonald aduz sobre Deus ser Amor e o seu modo de amar. De seguida e na segunda grande secção deste trabalho, deter-nos-emos na consideração do que aquele refere sobre as duas dimensões essenciais de um e mesmo amor humano: o amor a Deus e ao próximo.

## 1. O amor de Deus devido ao Deus de Amor

Para George MacDonald, na sequência do único texto bíblico que pode ser tido como uma afirmação ontológica sobre a divindade (cf. *1Jo.* 4,8.16), Deus é na sua essência, e assim naquilo que é o melhor que dele se pode dizer, Amor<sup>5</sup>. Apenas Amor e nada mais do que Amor, tal como o nosso Autor refere: «*God is love, all love, and nothing other than love*»<sup>6</sup>. E é-o porque nada existe em Deus que seja mais profundo<sup>7</sup> e, ao mesmo tempo, mais precioso<sup>8</sup> do que tal Amor que é Ele mesmo. Não se trata, com aquela asserção, que é a mais importante de toda a história da humanidade, de afirmar – como chegara a fazer Feuerbach – que «*die Liebe ist Gott*»<sup>9</sup>: isso seria, no máximo, divinizar o amor humano numa deriva claramente auto-idolátrica. Não se trata, sequer, de sugerir que Deus – como proferira Jean Calvin comentando *1Jo.* 4,8 a partir da sua perspectiva redutora e propensa, reiteradamente, a uma intimidação teológica espiritualmente desgastante – ama inclusivamente não sendo nuclearmente amor: «*hoc est quod ejus natura sit, homines diligere [...] de essentia Dei non loquitur sed tantum docet qualis a nobis sentiatur*»<sup>10</sup>. Trata-se, isso sim e superando-se o uso de tal designação para se reportar a uma mera acção ou sentimento inconstante, de afirmar que o «Amor» quando dito de Deus não é um atributo deste, mas a sua mais veraz

<sup>5</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 2, 21; I, 10, 7; II, 4, 27; II, 5, 13; II, 8, 5; III, 1, 14; III, 9, 15.

<sup>6</sup> *Unspoken Sermons*, I, 2, 19.

<sup>7</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, II, 8, 5; III, 1, 14.

<sup>8</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, III, 1, 9.

<sup>9</sup> Ludwig FEUERBACH – *Das Wesen des Christentums*, in Hans-Martin SASS (ed.) – *Ludwig Feuerbach: Sämtliche Werke*, vol. 6. Stuttgart / Bad Cannstatt: Fromman / Güther Holzboog, 1959, 318.

<sup>10</sup> Jean CALVIN – *Commentarii in Epistolam Primam Joannis*, in IDEM – *Commentarii in Omnes Epistolas*. Amstelodami: Joannem Jacobi Schipper, 1667, 70.

natureza e, dessa forma e como verificaremos, a fonte de todo o acto amoroso, seja este divino ou humano.

Deparamo-nos, deste modo e numa fina atmosfera que ganhará densidade no século XX em autores como François Varillon<sup>11</sup>, com uma divindade que só pode ser devidamente descrita mediante o dizer-se que a mesma é Amor, e é qualificando-se ou adjectivando-se este Amor, com o que não o trai, coarcta ou insidia, que se pode, com a máxima correcção, qualificar ou adjectivar a mesma. E isto porque, conforme já havia exposto um Enoch Merrill Pingree que advogava a óptica universalista da salvação também seguida por MacDonald, «*the attributes of God are the attributes of love*»<sup>12</sup>. De acordo com o nosso Autor, este Amor, que é o único absoluto que se pode dizer existir, é ardente<sup>13</sup>, puro<sup>14</sup> e – naquilo que, afastando-se resolutamente do aparentemente semelhante «*durus amor*»<sup>15</sup> virgiliano, pode ser tido como o núcleo mais importante da sua reflexão acerca da natureza divina – inexorável<sup>16</sup>. E isto porque também se pode referir – conquanto estejamos prevenidos com a mencionada cautela na ordenação atributiva, que agora pode, com circunspecção, ser invertida – que se trata de um Amor que possui todas as características que podem ser ditas da própria essência divina, com a qual se identifica inteiramente. Quer dizer, absoluto<sup>17</sup>, ilimitado, irrestrito ou infinito<sup>18</sup>, tal como havia deixado bem patente, por exemplo e com consequências para a própria compreensão do amor humano que mais à frente reencontraremos em George MacDonald, João Clímaco com o uso do termo «ἀπέραντος» para descrever «ἀγάπη»<sup>19</sup>.

É justamente este traço acabado de indicar que, segundo o nosso Autor, faz a Deus ser perfeito<sup>20</sup>. Deus não é amor por ser perfeito, mas, pelo contrário, é por ser Amor que é perfeito na sua unidade substancial imutável: «*love is one, and love is changeless*»<sup>21</sup>. Por outras palavras: para MacDonald, só Deus é inalterável, mostrando-se, consequentemente, que a imutabilidade divina não é senão a imutabilidade, que se manifesta na constância das suas credíveis mo-

<sup>11</sup> Cf., v.g., François VARILLON – *Joie de croire, joie de vivre*. Paris: Le Centurion, 1981, 26.

<sup>12</sup> Enoch Merrill PINGREE; Nathan Lewis RICE – *A debate on the doctrine of universal salvation*. Cincinnati: J. A. James, 1845, 361.

<sup>13</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 2, 7.

<sup>14</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 2, 24.

<sup>15</sup> VIRGÍLIO – *Aeneid*, VI, 442.

<sup>16</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 2, 1; I, 2, 5.

<sup>17</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, II, 10, 17.

<sup>18</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 1, 30; cf. II, 8, 19.

<sup>19</sup> JOÃO CLÍMACO – *Scala Paradisi*, 26, PG 88, 1068 B.

<sup>20</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 1, 30; II, 7, 44; III, 1, 14.

<sup>21</sup> *Unspoken Sermons*, I, 2, 2; cf. II, 8, 4.

tivações e confiáveis intenções, deste exacto Amor. Aqui temos o motivo de, na percepção de MacDonald, ser possível dizer-se que Deus é eterno, pois só quem ama e é amável o é: «*there is nothing eternal but that which loves and can be loved*»<sup>22</sup>, conforme o próprio grego de *1Cor.* 13,8a – «Ἡ ἀγάπη οὐδέποτε πίπτει» (cf., v.g., *Sal.* 136) – permite ser entendido com correcção e rigor. Ou seja, o Deus que é Amor é um ser inalterável, inexaustível e perene na sua realidade. E perene nas, e pelas, incessantes relações de amor<sup>23</sup> entre um Pai auto-existente e um Filho auto-abnegante<sup>24</sup>. Esclarece-nos, sobre este aspecto, o nosso Autor: «*the Fatherhood and the Sonship are one, save that the Fatherhood looks down lovingly, and the Sonship looks up lovingly*»<sup>25</sup> numa comunhão, tenuemente afirmada numa obra francamente débil a nível pneumatológico, com o Espírito «*of the Father and the Son*»<sup>26</sup>.

De facto, se Deus, como já vimos, é uno, isso deve-se precisamente ao facto de não ser uma mónada isolada, pois, como menciona George MacDonald no sermão intitulado «*Life*», «*for there can be no unity, no delight of love, no harmony, no good in being, where there is but one. Two at least are needed for oneness*»<sup>27</sup>. Ou seja, a unidade perfeita não é a inerte, empobrecida e sufocante unidade numérica egoísta de um isolamento absoluto deísta, que implicaria, instantaneamente, que Deus não pudesse ser Amor no seu cerne. É, isso sim – e naquilo que não é um conceito teológico abstracto, mas uma realidade a ser vivida na descoberta de que (como apuraremos posteriormente) cada ser humano é ontologicamente mais um com o próximo do que consigo mesmo –, a diferenciada e rica «*active unity*»<sup>28</sup> da vital e indivisível dinâmica do amor. Isto é, a da eterna relação e inter-relação amorosa entre as distintas Pessoas divinas. O Deus cristão, com efeito e como já dissera Hilário de Poitiers, «*[non] singularis potest esse*»<sup>29</sup>, sendo, pelo oposto e na antítese perfeita de uma qualquer divindade que se auto-contemplasse num volutear incessante ao redor de si mesma, plena comunhão do amante, do amado e do processo de amar. E isto sem que, como é evidente, se coloque em causa o afirmado em *Dt.* 6,4 com o termo hebraico «*'ehad*», por sinal usado, igualmente e entre outras passagens possíveis de aqui apontar, para dizer a unidade de amor entre Adão e Eva (cf. *Gn.* 2,24).

<sup>22</sup> *Unspoken Sermons*, I, 2, 3.

<sup>23</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 1, 25; III, 1, 23.

<sup>24</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, III, 1, 14.

<sup>25</sup> *Unspoken Sermons*, I, 1, 25; cf. III, 1, 23.

<sup>26</sup> *Unspoken Sermons*, II, 12, 23; cf. III, 1, 23.

<sup>27</sup> *Unspoken Sermons*, II, 8, 4; cf. III, 1, 23.

<sup>28</sup> *Unspoken Sermons*, III, 1, 23.

<sup>29</sup> HILÁRIO DE POITIERS – *De Trinitate*, 7, 38, PL 10, 231 C.

Acabámos de ver, nos pretéritos parágrafos, os traços essenciais que George MacDonald aduz sobre a natureza do Deus que é Amor. É a partir destes que o mesmo desenvolve a sua apresentação das características do amor de Deus; isto é, do modo de amar divino. Desde logo, o nosso Autor assevera que tudo o que Deus faz é amar. Amar, para Deus, não é uma acção divina entre outras como, por exemplo, criar, governar, santificar. Alias, não há «outras» acções para Deus: as próprias diferenças percebidas na sua acção decorrem, para George MacDonald, somente do lado do objecto de tal amor que se relaciona com Deus, e não do seu sujeito. Dito de outro modo e de uma forma meramente ilustrativa: Deus é percebido como dando, e retirando, amando; Deus parece gratificar, e punir, amando<sup>30</sup>. De modo mais contundente: Deus é entendido como justo, e misericordioso, amando (cf., *v.g.*, *Is.* 30,18). É precisamente isto o que MacDonald, afastando-se totalmente do calvinismo em que crescera e se formara em Edinburg, crê permitir-lhe afirmar que «*I believe that justice and mercy are simply one and the same thing*»<sup>31</sup> decorrente do amor do Amor. Eis o que, centenas de anos antes, havia dito o precursor inglês da Reforma católica John Colet: «*esse eadem in deo misericordia et iusticia in una infinita sapientia*»<sup>32</sup>.

O próprio acto de criação – mórmente de uma humanidade<sup>33</sup> que é a apoteose desta actividade criadora divina, que instaura uma relação nupcial na qual Deus transcende a sua mera aseidade – surge não tanto a partir do nada, mas, como se pode ler também em «*Lilith*», a partir da absoluta liberdade da glória divina<sup>34</sup>. Uma glória que, conforme divisaremos novamente mais à frente, é o próprio ser de Amor daquele Deus que vive num inextinguível movimento de auto-entrega. Este facto, para o nosso Autor, não é uma ficção ou um artifício para diminuir a angústia humana diante das imensidões cósmicas: é a realidade; é assim que as coisas são. Ou seja, a criação é um gesto contínuo de amor<sup>35</sup> daquele único existente Deus que, sendo Amor, é intrinsecamente irradiante e não auto-centrado<sup>36</sup>. Por outras palavras ainda: é um gesto que decorre, pelo amor que é o seu único poder<sup>37</sup> que «*flow[s] out of his heart*»<sup>38</sup>, do facto de Deus ser Amor. Eis por que a

<sup>30</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, III, 9, 15.

<sup>31</sup> *Unspoken Sermons*, III, 7, 63.

<sup>32</sup> John COLET – *De sacramentis*, 4, 3, in John B. GLEASON – *John Colet*. Berkeley: University of California Press, 1989, 288.

<sup>33</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 2, 3; cf. I, 8, 10; I, 10, 11.

<sup>34</sup> Cf. George MACDONALD – *Lilith*. Grand Rapids: Eerdmans, 1981, 147: «*God created me, – not out of Nothing, as say the unwise, but out of His own endless glory*».

<sup>35</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, III, 12, 9.

<sup>36</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, III, 7, 41.

<sup>37</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, III, 1, 14.

<sup>38</sup> George MACDONALD – «*Wordsworth's Poetry*», in IDEM – *A Dish of Orts*. Whitehorn: Johannesen, 1996, 247.

própria criação decorre por Jesus e sem Jesus não podia ter ocorrido<sup>39</sup>: a já aduzida auto-abnegação do Filho é mesmo a matriz para que Deus possa criar algo distinto de si. Criar é, de facto, sempre um suscitar e retirar-se<sup>40</sup>; um dar o ser e deixar ser; um dar a vida e morrer. E tal auto-limitação, para que o distinto de si surja e surja na sua plena liberdade com tudo o que isso pode implicar para quem o suscita, só pode ocorrer porquanto o Deus cristão não cria para poder ser Amor, ou sequer amar. Pelo contrário, Deus, conforme igualmente se pode entrever numa pletora de imagens usadas por MacDonald na sua obra<sup>41</sup>, cria porque é, em si mesmo, Amor e, desse modo, ama eternamente.

Uma vez tal estabelecido, pode-se apreender a razão do nosso Autor afirmar que é inclusive por esse motivo que se pode dizer que cada criatura possui, de acordo com a sua natureza, responsabilidades para com Deus<sup>42</sup>. Com esta referência às responsabilidades diante de Deus, apenas se pretende dizer que ser-se uma criatura é viver respondendo com um olhar activo a outro olhar activo; é viver em resposta operante; é, como se desenvolverá mais a jusante neste breve ensaio, ser uma resposta efectiva. De facto, não se deseja dizer que Deus tenha direitos como se fosse um qualquer suserano absoluto, pois, sendo Amor, se os tivesse, a primeira coisa que faria seria abdicar dos mesmos. E isto porque, conforme já vimos brevemente «*en passant*», a glória divina não é o seu poder discricionário, a sua autoridade arrogante ou a sua realza autocrática, mas o seu ser de Amor plena e radicalmente humilde. Sobre esta exacta questão, e numa crítica à aridez dos sistemas teológicos bem expressa também em «*Malcolm*»<sup>43</sup>, o nosso Autor aduz que

*«nearly all of [the theologians] represent [God] as a great King on a grand throne, thinking how grand he is, and making it the business of his being and the end of his universe to keep up his glory, wielding the bolts of a Jupiter against them that take his name in vain [...] Brothers, have you found our king? There he is [in Jesus], kissing little children and saying they are like God. [...] The simplest peasant who loves his children and his sheep were – no, not a truer, for the other is false, but – a true type of our God beside that monstrosity of a monarch»<sup>44</sup>.*

<sup>39</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, III, 1, 23.

<sup>40</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, III, 1, 14.

<sup>41</sup> Cf. Kathy TRIGGS – «*Images of Creation in George MacDonald*», in *North Wind*, vol. 6 (1987), 22-38.

<sup>42</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, III, 1, 14.

<sup>43</sup> Cf. George MACDONALD – *Malcolm*, vol. 3. London: H.S. King & Company, 1875, 43: «*If I knew of a theory in which was never an uncompleted arch or turret, in whose circling wall as never a ragged breach, that theory I should know but to avoid: such gaps are the eternal windows through which the dawn shall look in. A complete theory is a vault of stone around the theorist—whose very being yet depends on room to grow*».

<sup>44</sup> *Unspoken Sermons*, I, 1, 31; cf. Thomas GEROLD – «*Theology for the Sake of God's Children: Observations on George MacDonald's Theology in his Unspoken Sermons*», in *North Wind*, vol. 23 (2004), 13-20, em especial 17s.

É Deus, portanto, que tem deveres para com a sua Criação, e em especial para com toda uma humanidade chamada a ser o conjunto dos filhos «*of his soul, of his spirit, of his love*»<sup>45</sup>, aos quais o mesmo ama de um modo que não pode ser «*less than entire unselfishness*»<sup>46</sup>, e não, como era – é? – comum pensar e afirmar, porque o amemos<sup>47</sup>. No mesmo «sermão» do onde retirámos a nossa última citação de George MacDonald, podemos ler a seguinte chamada de atenção: «*away with the thought that God could have been a perfect, an adorable creator, doing anything less than he has done for his children!*»<sup>48</sup>. E isto porque, como ainda se pode ler no mesmo «sermão» desprovido de quaisquer laivos de uma desamparada «*naïveté*» teológica, se «*no amount of wrong-doing in a child can ever free a parent from the divine necessity of doing all he can to deliver his child*»<sup>49</sup>, muito mais o Pai por excelência carrega, voluntariamente, os deveres da sua paternidade sobre si.

Trata-se, assim, não só de um amor que é dado universalmente, mas, igual e consequentemente, sem subordinação a intermediários – Jesus inclusive – que fizessem daqueles a quem é ofertado mais dignos dele. Com efeito, para um continuamente perspicaz MacDonald, afirmar que os seres humanos são perdoados porque Deus ama Jesus, é negar, imediatamente, que Deus fosse Amor<sup>50</sup>. Deus ama cada pessoa, mesmo aquelas que o desestimam<sup>51</sup>, por ela mesma, e é por essa pessoa que incarnou para a salvar de si mesma, de modo a fazê-la capaz de, ao adoptá-la como filha, ser à medida do Pai<sup>52</sup>. E tal a ponto de estar documentado<sup>53</sup> que MacDonald terá pessoalmente declarado que se, na linha da interpretação calvinista da eleição limitada, tivesse que dizer que o antes afirmado não era verdade, não queria que esse Deus o amasse. Talvez esta história, que estas palavras relatam, contenha em si, como todas as histórias de monta, muitas outras histórias. Não obstante, aquilo que tais palavras alegam é exactamente aquilo que o nosso Autor porá Hester, uma das personagens de «*Weighed and Wanting*», a dizer:

*«I well remember feeling as a child that I did not care for God to love me if he did not love everybody: the kind of love I needed was love essential to my nature – the love of me, a man, not of me a person – the love therefore that all men needed, the love that*

<sup>45</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, II, 7, 26.

<sup>46</sup> *Unspoken Sermons*, II, 10, 17.

<sup>47</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 8, 10.

<sup>48</sup> *Unspoken Sermons*, II, 10, 15.

<sup>49</sup> *Unspoken Sermons*, II, 10, 18.

<sup>50</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, II, 12, 17.

<sup>51</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 11, 4.

<sup>52</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, III, 7, 60.

<sup>53</sup> Cf. Robert Lee WOLFF – *Gains and Losses: Novels of Faith and Doubt in Victorian England*. New York: Garland, 1977, 344; cf. *Unspoken Sermons*, I, 8, 10; II, 10, 18.

*belonged to their nature as the children of the Father, a love he could not give to me except he gave it to all men»<sup>54</sup>.*

Na realidade, a própria encarnação pascal do eterno Filho de Deus não transcorre da vontade de Deus pacificar uma qualquer sua «fúria», mas do seu amor inquebrantável para com toda a humanidade, mesmo que profundamente pecadora: «*there is not one word in the New Testament about reconciling God to us; it is we that have to be reconciled to God*»<sup>55</sup>. É a sua amorosa entrega sacrificial que salva a humanidade e, conjuntamente, liberta a Terra – e dá a conhecer tal salvação e tal libertação – ao ter sido mais forte do que a morte<sup>56</sup>, e não uma qualquer entrega judicial de tal humanidade, em Cristo, a um Criador sedento de uma justiça cruenta, demasiado à imagem do que de menos humano há no homem, para poder amar tal humanidade<sup>57</sup>.

A que distância estamos do que dissera Jean Calvin, a meados do século XVI, ao sugerir que Jesus chegou inclusive a ter que padecer as penas do Inferno para que Deus apaziguasse a sua cólera! Leiamos as suas palavras:

*«Verum de Christi descensu ad inferos, seposita ratione symboli, certior expositio quaerenda est. Et nobis ex Dei verbo constat, non modo sancta et pia, sed plena quoque eximiae consolationis. Nihil actum erat si corporea tantum morte defunctus fuisset Christus; sed operae simul pretium erat ut divinae ultionis severitatem sentiret: quo et irae ipsius intercederet, et satisfaceret iusto iudicio. Unde etiam eum oportuit cum inferorum copiis aeternaeque mortis horrore, quasi consertis manibus, luctari»<sup>58</sup>.*

Mesmo a tradição católica não esteve, como sabemos, isenta de tais perspectivas. Bossuet, esse artilheiro retórico «*souvent insupportable*»<sup>59</sup> nos seus textos cobertos de alterosas vagas verbais que afogam de fastio quem deles se acerca, também dirá, agora a meados do séc. XVII, algo de semelhante:

*«Le grand coup du sacrifice de Jésus-Christ, qui abat cette victime publique de tous les pécheurs aux pieds de la justice divine, devoit être frappé sur la croix et venir d'une plus grande puissance que de celle des créatures. [...] Il falloit donc, mes frères, qu'il*

<sup>54</sup> George MACDONALD – *Weighed and Wanting*. London: Sampson Low, Marston, Searle & Rivington, 1882, 47.

<sup>55</sup> *Unspoken Sermons*, III, 7, 66.

<sup>56</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 7, 43.

<sup>57</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, III, 10, 8.

<sup>58</sup> Jean CALVIN – *Institutio christianae religionis*, II, 16, 10, in Friedrich A. G. THOLUCK (ed.) – *Joannis Calvini Institutio christianae religionis*. Berolini: Gustavum Eichler, 1834, 334.

<sup>59</sup> Jacques LE BRUN – *La spiritualité de Bossuet*. Paris: Klincksieck, 1972, 673.

*vint lui-même contre son Fils avec toutes ses foudres; et puisqu'il avoit mis en lui nos péchés, il y devoit mettre aussi sa juste vengeance»<sup>60</sup>.*

É mesmo a descoberta, em Cristo, deste amor incondicional, aquilo que, se nele se acreditar e – agora numa crítica evidente de George MacDonald ao catolicismo – não se refugiar em outros mediadores que parecem mais misericordiosos e compassivos do que o próprio Amor feito Homem<sup>61</sup>, faz o sujeito descobrir-se como um pecador amado por Deus e, voltando-se contra o seu pecado, abrir-se ao amor divino, pois «*eternal love will not be moved to yield you to the selfishness that is killing you*»<sup>62</sup>. Sendo, como vimos, puro, o amor do Amor não pode senão aspirar pela integridade daqueles a quem ama; isto é, não pode senão desejar uma existência sem reserva, nem com nada a si integrada que seja oposto a tal amor. Esta ocorrência é ainda reforçada por outra constatação. A saber: não sendo o amar – como disse, num claro «*innuendo*», Richard Rolle – senão um comparativo «*omnem modum excedens*»<sup>63</sup>, a ponto de toda a satisfação amorosa ser uma negação do próprio amor, o amor divino não pode senão aspirar pela máxima pureza ou perfeição amorosa<sup>64</sup> naqueles com quem, anelando por uma íntima união, se relaciona. Naqueles a quem Deus, não podendo jamais ser subornado para deixar de almejar esta perfeição e como se lê no mesmo local, deseja comunicar o seu ser, que é Amor, e o seu amor. E isto mesmo que tais sujeitos não se sintam, através da sua sensibilidade física<sup>65</sup> ampliada pelo parasitismo lamuriento do imediato, amados, pois «*a man does not live by his feelings any more than by bread*»<sup>66</sup>.

Efectivamente, a verdade é que Deus, naquilo que é uma outra dimensão da perspectiva soteriológica universalista de George MacDonald, está sempre disposto a esperar, na purificação presente e na eterna<sup>67</sup>, por esta abertura do ser humano ao seu amor: «*shall a man be more merciful than God? Shall, of all his glories, his mercy alone not be infinite? Shall a brother love a brother more than The Father loves a son? – more than The Brother Christ loves his brother?*»<sup>68</sup>. Negar que isto seja a mais sólida verdade, seria, como MacDonald estima ver por entre as palavras dubitativas e movediças da *Divina Commedia* de Dante, acabar por dar

<sup>60</sup> Jacques-Bénigne BOSSUET – «*Premier sermon pour le Vendredi Saint [...]*», in Jean-François LACHAT (ed.) – *Cœuvres complètes de Bossuet*, vol. 10. Paris: Louis Vivès, 1863, 18.

<sup>61</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, III, 7, 48.

<sup>62</sup> *Unspoken Sermons*, III, 7, 41.

<sup>63</sup> Richard ROLLE – *Emendatio Vitae*. Coloniae: Melchioris Novesiani, 1536, f. cxl, v., D.

<sup>64</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 1, 3.

<sup>65</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 8, 16.

<sup>66</sup> *Unspoken Sermons*, I, 7, 27.

<sup>67</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 2, 22.

<sup>68</sup> *Unspoken Sermons*, I, 2, 30.

a vitória final ao próprio desamor; ao próprio pecado<sup>69</sup>. Seria inclusivamente afirmar a derrota da justiça divina, ao ser a derrota do próprio amor divino do qual aquela não é mais do que uma expressão ou percepção. Todavia, a realidade é que, para o nosso Autor, «*not the power of sin itself can close all the channels between creating and created*»<sup>70</sup>. Nem na actualidade, nem numa perpetuidade que é o protótipo daquela. Note-se, e vinque-se com firmeza, que é inegável que MacDonald espera a salvação de todos os seres humanos, mas apenas na medida em que espera que todos se arrependam e abram ao perdão amoroso já dado – antecipadamente a todo o arrependimento concreto que, porém, é o que permite ao sujeito dar-se conta de tal perdão<sup>71</sup> – de uma vez por todas naquela Cruz que, no Golgotha, mudou a frequência de eco da visão córdica humana.

Será que já começamos a vislumbrar, ainda que apenas incoativamente, o motivo de G.K. Chesterton ter podido escrever que «*MacDonald has made for himself a sort of spiritual environment, a space and transparency of mystical light, which was quite exceptional in his national and denominational environment*»<sup>72</sup>? Cremos que sim. Cremos que a veia literária de alguém que só pode ser dito sob a categoria «místico»; de alguém que, podendo ter separado o Céu da Terra, preferiu continuar a viver com os pés naquele e a cabeça nesta; de alguém que acolheu o dom da união com toda a realidade, começa a ser suficientemente patente. Não obstante, consideramos que os próximos parágrafos fortalecerão, ainda mais, esta nossa sincera convicção.

## 2. O amor no Próximo a Deus e em Deus ao Próximo

Toda a reflexão do nosso Autor acerca do amor humano, seja a Deus ou ao próximo, parte, na sua ambição de efectivação do infinito, de uma pergunta face à qual MacDonald estima que não pode haver tergiversação quanto à formulação da sua resposta. Questiona-se, de facto e retoricamente, aquele nos seus *Unspoken Sermons*: «*[God] gives himself to us – shall not we give ourselves to him? Shall we not give ourselves to each other whom he loves?*»<sup>73</sup>. Claro que esta frase significa muito mais do que podemos dela extrair, mas parece claro, a partir da mesma, que a resposta humana ao amor divino não pode ser apenas agradecimento e reconhecimento. Precisa, ao mesmo tempo, de

---

<sup>69</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, III, 7, 32.

<sup>70</sup> *Unspoken Sermons*, III, 7, 38.

<sup>71</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 5, 12.

<sup>72</sup> G. K. CHESTERTON – «Introduction», in Greville MACDONALD – *George MacDonald and His Wife*. London: George Allen & Unwin, 1924, 12.

<sup>73</sup> *Unspoken Sermons*, I, 1, 28.

ser amor retribuente, sem o qual estas mesmas atitudes ficariam amputadas da sua mais vasta autenticidade.

Daquele supracitado princípio estruturante, que mostra que a unidirecionalidade descensional do «ἔργος» platónico é firmemente negada pela tradição judaico-cristã vincada pelo nosso Autor, ressaltam imediatamente duas constatações. Por um lado, na base do amor humano, que é como que os «*pes animae*»<sup>74</sup> como bem aduzira Agostinho de Hipona, está o próprio amor divino no qual, e pelo qual, o sujeito vive<sup>75</sup>. Na realidade, o amor humano não é senão o reflexo e o refluxo, mais ou menos límpido consoante a intensidade com que o corrosivo egoísmo assenhora-se da existência do sujeito, do amor divino, o qual, como já vimos precedentemente, é mesmo a força possibilitadora do acto amoroso humano. Por outro, o amor surge identificado, não com um qualquer sentimento mais ou menos volátil, mas com uma doação; uma entrega efectiva do amante ao amado. Uma doação que, na justa proporção da sua diafania ao amor divino que o sustenta, é, como este outro, suscitador de verdade e beleza<sup>76</sup>, que, para o nosso Autor, nunca devem estar separadas. Um seu poema, por entre os seus lamentos face à realidade pós-lapsária, deixa isto perfeitamente vincado:

*«From the beginning good and fair are one,  
But men the beauty from the truth will part,  
And, though the truth is ever beauty's heart,  
After the beauty will, short-breathed, run,  
And the indwelling truth deny and shun»<sup>77</sup>.*

Pois bem, o ser humano, numa antropologia macdonaldiana em que a *vontade* é prioritária face ao *intelecto*, é precisamente criado para uma relação esponsal com um Deus que se dá àquele, não de um modo condescendente, mas humildemente deferente. Ou seja: cada pessoa humana é suscitada para o amor<sup>78</sup>, o qual deve ser, como se lê no mesmo eido, a sua única lei; o seu único absoluto. E isso apenas porquanto tal amor é mais, muito mais, do que tal lei e, de um modo não menos importante e conquanto a mesma seja veraz, a esta faz brotar de si, como aconteceu no pedagógico período veterotestamentário, enquanto uma sua expressão. É neste sentido que, justamente, se pode compreender a afirmação de que a própria organização legal e, num antikantiano agrafo

<sup>74</sup> AGOSTINHO DE HIPONA – *Enarrationes in Psalmos*, 9, 15, PL 36, 124.

<sup>75</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, II, 5, 13.

<sup>76</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 2, 2.

<sup>77</sup> GEORGE MACDONALD – «Concerning Jesus», in IDEM – *The poetical works of George MacDonald*. London: Chatto & Windus, 1911, 259.

<sup>78</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 10, 6.

evidente com Agostinho de Hipona<sup>79</sup>, moral da sociedade – expressão visível da dimensão comunitária de um ser humano criado à imagem semelhante de Deus Trindade – não existe senão para ensinar as «*two truths by which man lives, love to God and love to Man*»<sup>80</sup>. Eis, numa crítica à própria estrita legalidade do calvinismo federal que chegara à Escócia no fim do século XVI<sup>81</sup> e que também é uma denúncia profética ao que Freud escreverá em *Das Unbehagen in der Kultur*, a meta da legislação<sup>82</sup>. De uma lei que, sem qualquer laivo de alegoria, existe para uma humanidade que tem como mira um amor que jamais se sacia na lei<sup>83</sup>, pois – consoante diz, num lampejo de brevidade, um romântico Richard Wagner tão prezado por George MacDonald juntamente com Novalis – «*die Liebe grösser ist als das Gesetz*»<sup>84</sup>.

Começando, agora, a centrar a nossa atenção, meramente por preocupações de clareza lógica, no amor a Deus, constatamos que tal amor, sendo a verdade para com Deus que acabará por eliminar o medo que é nutrido por quem não conhece a bondade divina<sup>85</sup>, deve ser absolutamente desinteressado: «*assuredly we are not to love God for the sake of what he can give us; nay, it is impossible to love him save because he is our God, and altogether good and beautiful*»<sup>86</sup>. Isto é, tal amor – que deve tender a ser infinito, pois se assim não for não se poderá conceber como amor autêntico<sup>87</sup> – não deve ser motivado por nada que seja consciente e voluntariamente distinto do seu objecto soberanamente digno de ser considerado em, e por, si mesmo, da mesma forma que afirmara, com pleno tino, Bernardo de Clairvaux: «*causa diligendi Deum, Deus est*»<sup>88</sup>. E isto a ponto de se não o for, já não se poder dizer que é um verdadeiro amor a Deus, mas um amor a si, que, como vimos, faz com que o amor de Deus se revele um fogo purificador<sup>89</sup>, capaz de fazer com que cada um, se este estiver disposto a acolhê-lo, acabe por não amar senão o que é digno de ser amado<sup>90</sup>.

<sup>79</sup> Cf. AGOSTINHO DE HIPONA – *In Epistolam Ioannis ad Parthos*, 7, 8, PL 35, 2033.

<sup>80</sup> *Unspoken Sermons*, I, 10, 31.

<sup>81</sup> Cf. M. Charles BELL – *Calvin and Scottish Theology: The Doctrine of Assurance*. Edinburgh: Handsel, 1985; Kerry DEARBORN – *Baptized Imagination: The Theology of George MacDonald*. Burlington: Ashgate, 2006, 13.

<sup>82</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 10, 31.

<sup>83</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 10, 4; I, 10, 11.

<sup>84</sup> Richard WAGNER – *Jesus von Nazareth: ein dichterischer entwurf*. Leipzig: Druck, 1887, 33; cf. I, 10, 11.

<sup>85</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, II, 9, 2; cf. II, 9, 4.

<sup>86</sup> *Unspoken Sermons*, II, 11, 14.

<sup>87</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, II, 8, 19.

<sup>88</sup> BERNARDO DE CLAIRVAUX – *De Diligendo Deo*, 1, 1, PL 182, 974 D.

<sup>89</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 2, 23.

<sup>90</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, III, 7, 60.

Este é o primigénito amor que, lançando os passos do coração para os planaltos em que a alegria espiritual é uma forma de amor<sup>91</sup>, delicia profundamente o sujeito ao conduzi-lo ao centro, motor e objectivo de uma sua existência<sup>92</sup> que sem o amor é um vazio absoluto<sup>93</sup>. Para quem está fora deste centro repleto de amor, todo o discurso de, e acerca deste, amor – e assim o próprio dizer-se de Deus – é pura e simplesmente ininteligível<sup>94</sup>. É, conforme já anotara o já por nós citado Bernardo de Clairvaux, como se se ouvisse discorrer num idioma estrangeiro totalmente incompreensível: «*lingua amoris ei qui non amat, barbara erit*»<sup>95</sup>. Mas não só: tal discurso cria, como se pode ler logo a seguir àquela nossa derradeira citação dos *Unspoken Sermons*, «*a mist between the mind and the vision of it*». Eis um nevoeiro que só poderá ser dissipado pela própria experiência do amor que, ao dar a conhecer a Deus por Este ser Amor<sup>96</sup>, se tornará aquela já aduzida própria razão para se amar a Deus. Até esse momento, tal nevoeiro leva o sujeito, se ainda lhe permitir acreditar na existência de Deus, a considerar Este como um monarca despótico e distante<sup>97</sup>, e não como Aquele cujo seio é a sua, ainda não habitada por si, verdadeira casa<sup>98</sup>, tal como já havia poetado William Wordsworth quando, a partir de outro foco temático não totalmente diferente do presente, mencionou que «*but trailing clouds of glory do we come / From God, who is our home*»<sup>99</sup>. É precisamente esta ideia macdonaldiana que C.S. Lewis, em *The Last Battle* e através da personagem Jewel, reforçará: «*I have come home at last! This is my real country! I belong here. This is the land I have been looking for all my life, though I never knew it till now*»<sup>100</sup>.

Pois bem, amar a Deus é fazer uma sua vontade que é, de um modo sucinto que codifica toda uma teologia, o «*only good*»<sup>101</sup> de cada sujeito humano. É, na plenitude do ser deste e em acolhimento do amor de Deus, a própria essência da salvação e de uma vida eterna que é oferecida, como graça absolutamente gratuita, logo a partir de numa concepção que espera por uma confirmação baptismal tornada concretude máxima na existência de cada dia. Isto é, aquela vida eterna que «*consists for man in absolute oneness with God and all divine modes*

<sup>91</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, II, 8, 14.

<sup>92</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, II, 11, 14.

<sup>93</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, II, 9, 2

<sup>94</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 10, 26.

<sup>95</sup> BERNARDO DE CLAIRVAUX – *Sermones in Cantica Canticoorum*, 79, 1, PL 183, 1163 B-C.

<sup>96</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, II, 1, 25.

<sup>97</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, III, 1, 14.

<sup>98</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, II, 10, 9.

<sup>99</sup> WILLIAM WORDSWORTH – «*Intimations of Immortality [...]*», lin. 65s, in IDEM – *The Poems of William Wordsworth*. London: Edward Moxon, 1845, 441.

<sup>100</sup> C.S. LEWIS – *The Last Battle*. New York: Macmillan, 1956, 162.

<sup>101</sup> *Unspoken Sermons*, III, 1, 21.

of being, oneness with every phase of right and harmony. It consists in a love as deep as it is universal, as conscious as it is unspeakable»<sup>102</sup>. Ou seja, aquela existência plenificada na mais íntima participação de vida com Deus. A que permitirá «no longer [have] any care to ourselves, but know God taking divinest care of us, his own! to be and feel just a resting-place for the divine love [...] [and] be an open air of love»<sup>103</sup>, porquanto ocorrerá ser o desabrochar mais amplo do acolhimento, por parte dos sujeitos humanos, da filiação divina em Cristo. Ainda por outras palavras: a que se expressará pela infinitização da condição – já possível de modo inceptivo no «*Hier und Jetzt*» da fé, que permite experimentar escatologicamente o ser um com Deus na casa que é Deus – de se ter sido adoptado pelo Pai eterno, «not merely in the sense that he loves them, or even that they love him, but in the sense that they love like him, love as he loves»<sup>104</sup>. Quer dizer, e como já divisámos, de um modo incondicional e desinteressado na sua entrega ao amado, pois, conforme atestou o Pseudo-Beda, «*Deus non dat spiritum ad mensuram*»<sup>105</sup>, mas com infinita generosidade e liberalidade transbordante através dos dédalos da intimidade em que habita.

Uma vez atestado isto tudo na exposição vestibular anterior, uma das mais genuínas e autênticas formas de amor a Deus é, para um teologicamente seminal George MacDonald sempre crítico de todas as antropologias racionalistas ou cognitivistas, a sua adoração através do amor ao irmão<sup>106</sup>. Aquele amor que, rompendo com os sonhos vagos e exaltados, é o mais sólido sinal de uma fé que – para um nosso Autor que, mais uma vez aqui e em oposição ao escolasticismo calvinista, se aproxima do existencialismo cristão de Kierkegaard – não é senão o que é vivido pelo crente<sup>107</sup>. Em concreto e evitando-se condições de neutralidade kafkiana: se não se vive o perdão ao outro, não se crê no perdão; se não se vive o serviço aos demais, não se crê no serviço; se não se vive a humildade diante do irmão, não se crê na humildade. Em síntese: não se crê no, nem se ama o, Deus que é Amor. Este é, justamente, o melhor mote e o melhor agrafo entre o tópico anterior e aquele que se lhe sucederá: o amor ao próximo; aquele que – sendo preferencialmente tido em consideração por MacDonald face ao amor a Deus, não menos por ser a face mais visível deste – é a única outra delícia que, a par da mencionada mais acima, poderá satisfazer o sujeito<sup>108</sup>.

<sup>102</sup> *Unspoken Sermons*, II, 8, 17.

<sup>103</sup> *Unspoken Sermons*, II, 11, 13.

<sup>104</sup> *Unspoken Sermons*, II, 7, 26.

<sup>105</sup> PSEUDO-BEDA – *In Psalmorum librum exegesis*, 29, PL 93, 628 B.

<sup>106</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 2, 9.

<sup>107</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, II, 12, 12.

<sup>108</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, II, 11, 14.

Na realidade, e sem que isso manifeste qualquer forma de egoísmo individual ou – naquilo que pensamos ser um neologismo nosso – utilização do outro, amando o outro ser humano, o sujeito, num paralelismo inverso com a análise fenoménica da «*Wille zum Leben*» de Schopenhauer<sup>109</sup>, também está a satisfazer uma necessidade pessoal. A profunda necessidade espiritual, só saciável se o sujeito a encarar de um modo não-*auto-interessado*, de um ser que precisa tanto de amar o outro como de respirar<sup>110</sup>. Deste modo, é com coragem que, num dos *Unspoken Sermons*, podemos ler a afirmação macdonaldiana de que uma das maiores alegrias que pode conhecer um ser humano é conseguir, além de toda a accidentalidade situacional, amar puramente um dos seus irmãos do mesmo modo que um dia amará a todos<sup>111</sup>. E isto pois, conforme se pode ler no mesmíssimo local, cada ser humano é «*made for love, not for self*». O amar é, na realidade, o âmbito mais próprio e específico do homem. O motivo para isto, conforme crê o nosso Autor a partir da sua lúcida apreensão teológico-espiritual filo-romântica, é relativamente simples: criado à imagem semelhante de Deus, cada pessoa existe para amar como o seu Criador ama<sup>112</sup>: universal e desinteressadamente, numa dinâmica de abertura livremente extática.

Este amor desinteressado de benefícios apropriáveis para si mesmo é, precisamente, o que o nosso Autor estima que levou Moisés (cf. *Ex.* 32,31s) a dizer estar disposto a prescindir da beatitude, se a mesma não pudesse ser por si partilhada com o seu povo: «*he did not care for a love that would save him alone, and send to the dust those thousands of calf-worshipping brothers and sisters*»<sup>113</sup>. Tratou-se tal disposição do Profeta bíblico – conforme disse Dionísio o Cartuxo – meramente um «*sermo hyperbolicus, id est per excessum dictus*»<sup>114</sup>, de alguém que – presentemente nas exasperadas palavras de Jean Calvin – «*loquatur quasi ecstaticus*»<sup>115</sup>? De modo algum. Nem com uma avalanche de maquilhagem hermenêutica colocada no texto se consegue admitir que o mesmo permita tal desleitura. Todavia, e uma vez afirmado isto, uma ressalva deve ser feita: as razões para se amar o próximo, se é que é preciso arranjar razões mais além das inscritas no coração, não devem estar baseadas apenas numa reducionista ligação

<sup>109</sup> Cf. Arthur SCHOPENHAUER – *Die Welt als Wille und Vorstellung*, II, in Wolfgang von LÖHNEYSSEN (ed.) – *Arthur Schopenhauer: Sämtliche Werke*, vol. 2. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1968, 716s.

<sup>110</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, II, 5, 9.

<sup>111</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, II, 8, 19.

<sup>112</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, II, 5, 9.

<sup>113</sup> *Unspoken Sermons*, I, 2, 18.

<sup>114</sup> DIONÍSIO O CARTUXO – *In omnes beati Pauli epistolas enarratio*. Coloniae: Petrum Quentell, 1533, f. 22, r. D.

<sup>115</sup> Jean CALVIN – *Commentarii in Libros Mosis*, in IDEM – *Ioannis Calvini noviodunensis Opera omnia*, vol. 1. Amstelodami: Joannis Jacobi Schipperii, 1671, 586.

de parentesco. Elas devem ser sempre mais amplas do que isso e transcender o âmbito do horizonte do âmbito mais ou menos familiar, pois todo o amor que não se faz sempre mais abrangente e global acaba por perecer<sup>116</sup>.

O amor ao próximo é mesmo – para um nosso Autor aproximando-se aqui do romântico «*je est un autre*»<sup>117</sup> de Rimbaud, que quiçá seja das melhores exegeses de Ex. 3,14 – a única chave com que o sujeito, unido ao obstetra divino que é o Espírito Santo, pode contar para sair da escravidão do egoísmo falsificante, individualizante e despersonalizante<sup>118</sup>. E, desse modo, o mais enérgico trampolim amoroso para o sujeito poder dizer, sem subterfúgios ou falsidades, que ama a Deus. Eis, pelo que já vimos mais acima e num paradoxo libertador, a mais radical e genuína salvação que passa por se fazer a vontade do Pai: amar todos os que Este considera seus filhos. A salvação que, possibilitando a humanização do amado à imagem do Homem por antonomásia que é a perfeita Imagem de «*God's eternal denial of himself*»<sup>119</sup>, é concomitante com o amar o «eu» do outro em detrimento do «ego» próprio<sup>120</sup> que, de acordo com o poema de Byron, se alegra permanentemente em elaborar emboscadas para «*make the / Universe universal egotism*»<sup>121</sup>.

Quão mais o sujeito se exalta perante o outro, mais se decrepita. Invertendo, de um modo desapropriado – porquanto o amor genuíno é «*a vertical sun [with] his own shadow [...] under his feet*»<sup>122</sup>, como se descobre numa imagem com imensa ventura em *Sir Gibbie* – tal relação, o mesmo cresce e passa a estar capacitado para descobrir que morrer ao «ego» é viver exilado no outro por quem se morre e, desse modo, deslindar que essa morte, que acarreta a vida, faz com que o falecimento biológico venha a ser, um dia e como também se pode vislumbrar em *The Golden Key*, «*only more life*»<sup>123</sup>. Por outras palavras: não querer morrer por amor ao outro é o único passaporte para vir a ter que enfrentar aquele falecimento sem eventual remissão. O próximo, neste preciso âmbito, é mesmo a morada fáctica de cada ser humano vivo, na qual este pode ser testemunha da natureza daquele amor que está no centro do Universo e que, de um modo tão metafórico quão metafísico, faz da gravidade ser apenas

<sup>116</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 1, 31.

<sup>117</sup> Arthur RIMBAUD – *Lettre à Paul Demeny*, de 15 de Maio de 1871, in Louis FORESTIER (ed.) – *Œuvres Complètes: Correspondance*. Paris: Robert Laffont, 2004, 227.

<sup>118</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 10, 36.

<sup>119</sup> *Unspoken Sermons*, II, 11, 7.

<sup>120</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, II, 11, 15.

<sup>121</sup> George Gordon BYRON – *Don Juan*, 11, 2, in IDEM – *The Poetical Works of Lord Byron*. London: John Murray, 1867, 580.

<sup>122</sup> George MACDONALD – *Sir Gibbie*. London: Hurst and Blackett, s/d, 370.

<sup>123</sup> George MACDONALD – *The Golden Key and Other Fantasy Stories*. Grand Rapids: Eerdmans, 1980, 32.

uma aparência sua. O «ego», esse «*shadow of life*»<sup>124</sup> que faz cada sujeito existir na morte fascinada pelo eluardiano «*dure désir de durer*», é a sua masmorra mais tenebrosa. Aquela que, levando o sujeito ao isolamento, o conduziria até à loucura se Deus não interviesse ao vir até ao mesmo pelas criaturas, que espelham a divindade, até que o indivíduo acabe também por conhecer o seu Criador de um modo pessoal<sup>125</sup>.

Mas Deus, não subsistindo senão em estado de dom, intervém «[en] *remue[nt]* – conforme disse um François Fénelon que parece obsessivamente presente em diversas passagens destes «sermões» – *le ciel et la terre pour sauver ce qui [lui] est cher*»<sup>126</sup>. E fá-lo particularmente pelo outro que, face ao sujeito, não tem uma dualidade que o faça separar dele e o impeça de amar, pois a alteridade é, como não é possível duvidar, «*the sole possibility and very bond of love*»<sup>127</sup>. Afirmção categórica numa concisão austera que aponta para o facto de que é, precisamente, aquele outro que se aproxima do sujeito – exigindo dele, dessa forma, uma relação de justiça – que se faz seu próximo. Todavia, isso é apenas uma primeira aproximação, porquanto não há nada, excepto ao nível mais inferior da lei humana, como uma mera justiça. A verdadeira justiça tem que ser mais do que justiça. Tem, conforme o que se pode ler no mesmo eido da nossa derradeira citação, que ser amor, pois este, como já verificámos, é a única lei do ser humano. Na realidade, «*it is impossible to keep the law towards one's neighbour except one loves him*»<sup>128</sup>. E isto a ponto do nosso Autor ter afirmado, pouco depois, que recusar amar o próximo é a maior injustiça que lhe pode ser feita<sup>129</sup>.

Tal amor – tantas vezes discreto e silencioso, mas nunca inerte ou frouxo – não liberta apenas o sujeito das amarras do seu «ego». Ele, devido a isso e de um modo surpreendente para os mais desatentos, também liberta, naquilo que dá ao ser humano uma posição de imensa responsabilidade, a máxima efectividade do amor divino no «eu» do sujeito (cf., *v.g.*, *1Jo.* 4,12), tal como revelam, com clareza absoluta, as próximas palavras do, por parte de MacDonald, bem conhecido professor edinburghiano de teologia, Robert S. Candlish: «*our love to one another, if it is indeed of the same sort with His love to us, the love manifested in His sending His Son to save us, is really on His part the last act, the crowning or final exercise, of His love*»<sup>130</sup>. Por esta derradeira razão e retomando a sequência do

<sup>124</sup> *Unspoken Sermons*, II, 8, 9.

<sup>125</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, II, 6, 31.

<sup>126</sup> François FÉNELON – *Ceuvres spirituelles*, in Jacques LE BRUN (ed.) – *Fénelon: Ceuvres*, vol. 1. Paris: Gallimard, 1983, 715.

<sup>127</sup> *Unspoken Sermons*, I, 1, 28; cf. *Unspoken Sermons*, II, 8, 4.

<sup>128</sup> *Unspoken Sermons*, I, 10, 6; cf. *Unspoken Sermons*, I, 10, 11.

<sup>129</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 10, 7.

<sup>130</sup> Robert S. CANDLISH – *The First Epistle of John: a Series of Lectures*, vol. 2. Edinburgh: Adam & Charles Black, 2<sup>a</sup>1870, 131.

pensamento do nosso Autor, tal amor ainda liberta, da sua falsidade, o próximo que é amado. De facto, o sujeito não ama o outro para daí se fazer mais digno de apreço, mas por o mesmo, independentemente da isolada percepção de ele o merecer<sup>131</sup>, precisar de ser amado para, numa «ἀλήθεια» amorosa da sua dignidade, se «reconcill[e] him to his true self»<sup>132</sup>. Isto é, aquele «self» que poderá, por fim, «look Jesus in the face, and say My Lord»<sup>133</sup>.

Neste exacto sentido, a medida do amor para com o outro, que alguns estimam impossível apenas para manterem a sua mediocridade espiritual<sup>134</sup>, não pode ser o amor a si. Tal medida deve ser a do próprio amor gratuito e ilimitado de Cristo, pois, tal como já vimos e agora recordaremos com as palavras do dramaturgo seiscentista John Ford, «love's measure is extreme [...] and the reward disdain»<sup>135</sup>. Ganhar o irmão para o amor que é verdade e ilumina a sua verdade, passa pelo deixar o «ego» próprio ser derrotado por tal amor. Eis o que faz do amor ao próximo ser genuinamente divino porquanto plenamente humano.

Estando fora de um amor com estes traços; estando no âmbito da busca de auto-exaltação, os sujeitos, para George MacDonald, não estão sequer vivos, nem, por maioria de razão, naquela vida que será eterna, ainda que, de algum modo, se possa dizer que «life may have begun to enter into them»<sup>136</sup>. Mas possuindo tais traços, o amor para com os amados far-se-á tão eterno como Amor que irá acolher cada ser humano. Neste, no pensamento de um bíblicamente inspirado nosso Autor que aqui não receia afastar-se da kantiano-fenomenica «Land der Wahrheit»<sup>137</sup>, os amados e amantes estarão, de novo, de mãos dadas numa harmonia sem barreiras. De mãos transformadas, sim, mas sempre as suas e «the new shall then be dear as the old, and for the same reason, that it reveals the old love»<sup>138</sup>. Demasiado bom para ser verdade? MacDonald, a partir da sua compreensão das consequências de Deus ser Amor, estimava que não: «it is just so good it must be true!»<sup>139</sup>. Talvez tudo isto não seja evidente a uma racionalidade humana habituada a operar a partir da movediça ilusão de que ela

<sup>131</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 4, 23.

<sup>132</sup> *Unspoken Sermons*, I, 4, 17; cf. *Unspoken Sermons*, I, 4, 23.

<sup>133</sup> *Unspoken Sermons*, I, 8, 9.

<sup>134</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 10, 12.

<sup>135</sup> JOHN FORD – 'Tis pity she's a whore, II, 2, in George B. HARRISON (ed.) – *Plays [by] Webster and Ford*. London: J. M. Dent & sons, 1949, 285.

<sup>136</sup> *Unspoken Sermons*, II, 2, 20; cf. *Unspoken Sermons*, II, 8, 10.

<sup>137</sup> Immanuel KANT – *Kritik der reinen Vernunft*, in Wilhelm WEISCHDEL (ed.) – *Werke von Immanuel Kant*, vol 2. Wiesbaden: Insel, 1956, 267.

<sup>138</sup> *Unspoken Sermons*, I, 12, 14.

<sup>139</sup> Greville MACDONALD – *George MacDonald and His Wife*, 172.

mesma – e não o Amor – é a medida da verdade, mas a esperança que a todos pode assistir é que ninguém será acolhido por Deus pela clareza – que, porém, não deve deixar de ser demanda – que terá tido no seu entendimento, mas pela caridade, tantas e tantas vezes realizada na obscuridade dos olhos dos demais, da sua vontade. Voltemos ao próprio texto, claramente revelatório no meio do seu franco código semântico, de MacDonald:

*«The highest condition of the Human Will, as distinct, not as separated from God, is when, not seeing God, not seeming to itself to grasp him at all, it yet holds him fast [...] Then first, thus free, in thus asserting its freedom, is the individual will one with the Will of God; the child is finally restored to the father; the childhood and the fatherhood meet in one; the brotherhood of the race arises from the dust»<sup>140</sup>.*

Uma das mais sólidas formas de verificação e comprovação do amor desinteressado e ilimitado, é, inegavelmente e naquilo que mais expressa – pelo menos na «*ordine faciendi*» – o amor gratuito e desinteressado de Deus, o desafio do amor ao menos amável; àquele que mais precisa de ser amado<sup>141</sup>. E de modo especial, ao próximo que surge como inimigo. Quer dizer, aquele que, face ao sujeito, carece de ser perdoado e humanizado mediante também o possibilitá-lo deixar cair a máscara furiosa, agressiva e persecutória do seu «ego». Recordando-se que «perdoar» não pode ser «ignorar» com indiferença a ofensa, tal perdoar deve ser, sim e numa expressão singular da «*sana insania*»<sup>142</sup> de Guilherme de Saint-Thierry, amar com determinação aquele que, de algum modo e pela sua ofensa, se tornou percebido como desamável<sup>143</sup>. Ou seja, não se trata de amar o desamor mas o próximo que pode, de alguma forma, aparecer como desamável: «*it is not the unfriendly, the unlovely, that we are told to love, but the brother, the sister, who is unkind, who is unlovely*»<sup>144</sup>.

Este amor, enquanto expressão singular do amor ao próximo, não pode surgir do facto de ter sido pedido por Deus<sup>145</sup>, nem tão-pouco de se saber que isso é o correcto<sup>146</sup>. Seja este «saber» decorrente de uma percepção cristã ou, inclusive, de uma perspectiva pagã mais humana, tal como – reduzindo o «inimigo» ao «ingrato» e a «beneficência» de Deus à «indiferença» dos deuses – nos disse Séneca que era o parecer, na sua opinião errado, de alguns estoicos: «“Si deos”, *inquit*, “imitaris, da et ingratias beneficia; nam et sceleratis sol oritur et

<sup>140</sup> *Unspoken Sermons*, I, 8, 15.

<sup>141</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 1, 7; I, 1, 9.

<sup>142</sup> GUILHERME DE SAINT-THIERRY – *De natura et dignitate amoris*, 3, 6, PL 184, 383 D.

<sup>143</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 4, 22; I, 4, 29.

<sup>144</sup> *Unspoken Sermons*, I, 11, 7.

<sup>145</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 10, 6.

<sup>146</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, III, 10, 13.

piratis patent maria”»<sup>147</sup>. Enquanto acto, também e sobretudo levado a cabo por Deus<sup>148</sup>, absolutamente racional e conducente ao amar o correcto no outro<sup>149</sup>, tal amor deve surgir do facto, muito mais profundo do que qualquer dever moral, do sujeito possuir, com todos os seus congéneres, uma idêntica natureza que partilha da divina<sup>150</sup>, sem por ela ser absorvida, nem sequer na maior união, precisamente por Deus ser Amor. É mesmo a esta natureza que, somente e apenas somente se «*the divine energy is at work in man to render at length man's doing divine as his nature is*»<sup>151</sup>, o sujeito deve querer, com todo o seu ser, amar<sup>152</sup>. Arriscado seguir este caminho? Sem dúvida, mas recordemos o que disse um Friedrich Hölderlin que MacDonald bem conhecia desde que, em 1842, passou alguns meses a inventariar a biblioteca de uma grande mansão escocesa<sup>153</sup>: «*Wo aber Gefahr ist, wächst / Das Rettende auch*»<sup>154</sup>.

## Em Forma de Conclusão

Como verbalizar, sem se trair o que se pretende afirmar, o inexcelsamente indizível? Como encerrar, sem enclausurar, em poucas palavras um conceito que, predicando Deus e a vocação mais essencial do ser humano, excede qualquer perspectiva que aquelas palavras conseguem pintar? Talvez seja devido à dificuldade de se o fazer, somada ao ónus de que «*uncommon things* – e que há de mais inusual do que o amor mais veraz? – *must be said in common words, if you would have them to be received in less than a century*»<sup>155</sup> tal como mencionou Coventry Patmore, que tantas e tantas pessoas discorreram sobre o amor.

George MacDonald foi apenas mais uma. Mas não uma qualquer, antes uma que, como poucas, apontou para reflexões genuinamente pertinentes e ousadas que, com as suas energias potenciais de veemente intensidade espiritual, em muito ajudam a compreender e viver uma fé cristã que tem na sua base, justamente e naquilo que por vezes ainda não é familiar, o amor. Reflexões que, provindo do amor do mesmo modo que o Universo procede do Amor, provocam e interpelam a inteligência, os afectos e o modo de se viver numa

<sup>147</sup> SÉNECA – *De Beneficiis*, IV, 26, 1.

<sup>148</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 11, 4.

<sup>149</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, III, 10, 13.

<sup>150</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 11, 5.

<sup>151</sup> *Unspoken Sermons*, I, 11, 4.

<sup>152</sup> Cf. *Unspoken Sermons*, I, 11, 6.

<sup>153</sup> Cf. Greville MACDONALD – *George MacDonald and His Wife*, 72s.

<sup>154</sup> Friedrich HÖLDERLIN – «*Patmos*», lin. 3s, in Friedrich BEISSNER (ed.) – *Hölderlin: Sämtliche Werke*, vol. 2. Stuttgart: Cotta, 1953, 173.

<sup>155</sup> Coventry PATMORE – *Letter to Henry Sutton*, de 25 de Março de 1847, in Basil CHAMPNEYS (ed.) – *Memoirs and Correspondence of Coventry Patmore*, vol. 2. London: G. Bell & Sons, 1900, 149.

avocada «*debt of love*». Com efeito, MacDonald – rompendo com o imensamente restritivo calvinismo escocês, porquanto estimava que o mesmo secura toda a beleza da Boa-Nova – apresenta uma reflexão sobre Deus e sobre o homem. Uma reflexão estruturada ao redor da afirmação de que, por um lado, Aquele não é senão Amor amante, e, por outro lado, este não tem como meta da sua vida senão o partilhar da vida de Deus mediante o amar, sem compulsão ou coerção, a Este e ao próximo.

Amar, para um nosso Autor que pode ser considerado um «*calviniste anarchiste*», é – na antítese de todo o egoísmo que faz com que o sujeito, atribuindo-se um significado absoluto, relegue os demais para uma valorização externa e relativa – uma doação positiva, intencional, efectiva, gratuita e desmedida de si e não um qualquer eflúvio sentimental flutuante. Trata-se de uma doação que, realizando o único acto nuclearmente humano que é o fazer-se homem à imagem do Homem, faz com que o sujeito dê ao outro, que é alteridade chamada a ser razão suficiente do amor, aquela significação central que a filautia desejaria conceder ao «ego». É, assim e nas suas dimensões extensivas e intensivas que fazem – na sua união substancial – a vida, um gesto, concreto e definidor do verdadeiro conteúdo da fé de cada sujeito, livre e libertador; criador e recriador; santo e santificador. E isto naquilo que leva à superação de todas as inércias das forças auto e hétero-destrutivas, na medida em que desenvolve no amado – e, assim e só assim, também no amante – a sua maior autenticidade. Ou seja, para o nosso Autor, o amar é um afirmar transformador; um fazer firme aquilo que, embora possa estar adormecido ou ignorado, é a essencialidade dos sujeitos que saem da sua aseidade graças a tal amar.

Estamos, por conseguinte, diante de um amor, exigente e nem sempre dador de tranquilidade devido à oposição que encontra no «ego» mundanizado e no «mundo» egotizado, que é uma viagem no desconhecido face a valores últimos que só se fazem perceptíveis, na sua textura mais exacta, à medida que o amante vai caminhando para o amado e, nesse processo, mudando a sua percepção. Uma viagem, por entre férteis artefactos amorosos perpetuamente insubstituíveis entre os seus traços de legibilidade, que, a ser empreendida e segundo o juízo de George MacDonald, permite que se diga que o amor é, de certo modo, uma reunião de «ἀγάπη» com o melhor do que há no «ἔργον». Em concreto e pondo-se de lado as terminações nervosas dos termos que iremos recuperar: é caminho de Deus para o homem e deste para Aquele; é criador de valor no seu objecto e reconhecimento deste valor; é perda e doação de si e ganho e acolhimento do outro; é manutenção de promessas e doação destas.

No fundo, e para o nosso Autor, isto mostra que o êxtase também se encontra na receptividade; isto é, o amado, que fazendo o amante sair de si, acaba por configurar o modo de ser e de actuar deste. Eis o motivo pelo qual o amor, enquanto catalisador de todo o conhecimento aprofundado entre pes-

soas, pode ser legitimamente entendido como a única energia libertadora da inevitabilidade da morte e, ao mesmo tempo, preenchedora da existência com um conteúdo absoluto. E, dessa forma, gerador de bondade e verdade unitivas na sua distinção não diferenciante, que devem estar presentes, mormente, na estruturação da sociedade humana.

Singular aspecto deste contexto é a compreensão da relação que existe, de acordo com o que George MacDonald plasma – com escorada coragem e lirismo reservado – nos seus «sermões» que não pôde proferir devido à perseguição que sofreu pela «*intelligentsia*» congregacionista anglo-meridional, entre o amor do Deus que é Amor e o amor do ser humano. Segundo o mesmo, quando o sujeito, em criativo acolhimento de resposta ao amor divino, ama ao seu Criador, o dinamismo vital de Deus ganha forma no sujeito por ele transformado e, dessa forma, faz-se normativo do seu ser e agir. Quer dizer, o ser amado – primeiramente por Deus, mas analogamente pelos demais que também visibilizam tal amor divino – faz do sujeito um amante segundo Deus. Amar como Deus ama passa, portanto, a ser genuinamente conatural ao crente, e atinge a sua máxima expressão no amor ao próximo que surge como seu inimigo. Isto é, no amor que permite que, em cada sujeito humano, o seu amor seja tão extensivo quão Aquele que lhe permite ser e amar e, dessa forma, conhecer-se na sua subjectividade relacional e inter-relacional.

Para o autor dos *Unspoken Sermons*, o amor ao próximo não será, sem mais, amar a Deus e, assim, não haverá uma identidade absoluta entre «amor ao próximo» e «amor a Deus». Todavia, segundo um MacDonald inspirado em 1Jo. 4,20, também não se poderá dizer que se ama verdadeiramente a Deus sem se amar, antes de tudo o mais e sem discriminação ou condição, ao irmão em natureza que «*it had pleased that God to make... destined to be one day a brother of Jesus Christ*»<sup>156</sup>. Neste sentido e avocando para aqui uma certa ressonância de conceitos generativos «*extrudiert mit Blut*», pode-se legitimamente dizer que amar a Deus e amar ao próximo, que é imagem daquele, é como um organismo em simbiose: cada parte – por mais que tal não seja uma evidência lógica, mas meramente experimental – expira sem a outra. Teoantropocentrismo amoroso em George MacDonald, pois.

Um Deus que é plena e somente Amor amante num abismo de luz, é o Deus a que o nosso Autor, de um modo persistente na obra que estivemos a considerar, convida a adorar através de uma entrega amorosa – abnegada e sem aflição pelo desempenho – aos demais. MacDonald entrega-se com o seu pré-heideggeriano «*dichtende Denken*» a todas as formas de subtilidade e retórica, que por vezes o levam a fazer das suas opiniões quase que vaticínios «*ex cathedra*»,

---

<sup>156</sup> George MACDONALD – *Castle Warlock*. London: Kegan Paul & Trench, 1883, 280.

para sublinhar esse facto que é a mais bela e, ao mesmo tempo, simples suma da fé cristã. Todavia, fazendo-o, e fazendo-o do modo como o faz, fá-lo fruto da sua vivência espiritual que – é incontestável – dá aos seus «sermões» um «*insight*» e uma honestidade que felicitam a sede teológica de quem os pode ler sem propensão para uma afectação crítica de superioridade, mas com franca gratidão para com o seu Autor e, simultaneamente, disponibilidade profunda para alargar os seus horizontes.

Talvez se possa dizer que, em alguns pontos e não menos devido à perspectiva religiosa explícita de MacDonald que vai ao arrepio do grão daquilo que apenas surge implicitamente, as afirmações que fomos vendo ao longo deste ensaio não estão totalmente isentas de problematicidade. Porém, mesmo estas possuem, em nosso entender, aquela luzente lucidez que, transbordando «*trop-plein*» nos demais locais, só as grandes obras espirituais possuem. Aquelas que, sem saturação temporal acumulada e como significativamente diz um Philip Sheldrake escapando a toda a economia de moções não-premeditadas, «*bring us into transforming contact with what is enduring and essential in our religion tradition*»<sup>157</sup>.

Por último, e curto-circuitando nós uma certa reserva que ainda nos persiste sobre se já podemos avançar para o finalizar este ensaio – pois «*altre lecture*» ainda parecem possíveis –, é provável que a nossa contemporaneidade ocidental observante mas anti-contemplativa; racionalista mas anti-intelectual; prática mas anti-fecunda; e, enfim, mundana mas anti-cósmica não seja receptiva à mensagem acerca do amor que brota da biblioteca dos *Unspoken Sermons*. Talvez a sua auto-infligida fobia pela pertinência do mais autêntico, que presumivelmente tem a potencialidade de levar ao declínio da sua mais fundamental identidade social e cultural, lhe impeça não ser refractária à mesma. Mas isso, embora não seja de admirar, só nos deve levar a desejar não deixar esquecer a mesma, pois ela, sendo das mais translúcidas à correlativa temática bíblica, é das que mais iluminam a verdade sobre Deus, o ser humano e a mais perfeita e mutuamente digna relação entre estes.

Eis a razão por que, mais uma vez com a acutilância da verve de Chesterton, só podemos esperar que o grande «*frontalier*» que foi George MacDonald possa ser «*more carefully studied as a mystic, as I think he will be when people discover the possibility of collecting jewels scattered in a rather irregular setting*»<sup>158</sup>. E tal para que, também no cada vez mais diluído espaço geográfico e temporal onde vivemos,

<sup>157</sup> Philip SHELDRAKE – *Spirituality & History: Questions of Interpretation and Method*. London: SPCK, 21995, 172.

<sup>158</sup> G.K. CHESTERTON – «*Introduction*», in Greville MACDONALD – *George MacDonald and His Wife*, 13.

não acabemos por ter que fazer nossas as palavras de Matthew Arnold que o nosso Autor, não se resignando a que se ignorasse que «*life and religion are one, or neither is anything. [...] Religion is no way of life; [...] it is life essential*»<sup>159</sup>, prezava genuinamente:

*«The Sea of Faith  
Was once, too, at the full, and round earth's shore  
Lay like the folds of a bright girdle furl'd.  
But now I only hear  
Its melancholy, long, withdrawing roar,  
Retreating, to the breath  
Of the night-wind, down the vast edges drear  
And naked shingles of the world»*<sup>160</sup>.

---

<sup>159</sup> George MACDONALD – *The Marquis of Lossie*. Whitethorn: Johannesen, 1995, 386.

<sup>160</sup> Matthew ARNOLD – «*Dover Beach*», lin. 21-28, in IDEM – *The Poems of Matthew Arnold (1840-1867)*. London: Humphrey Milford, 1913, 402.